

**INSTITUTO BRASILEIRO DE ENSINO, DESENVOLVIMENTO E  
PESQUISA DE DIREITO PÚBLICO – IDP  
ESCOLA DE DIREITO E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA – EDAP  
GRADUAÇÃO EM DIREITO**

**LUIZA OLIVEIRA FEITOSA**

***SUBVERSÃO DA LUTA DE CLASSES NO CONTEXTO DA  
ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA PCC***

**BRASÍLIA  
NOVEMBRO 2020**

**LUIZA OLIVEIRA FEITOSA**

***SUBVERSÃO DA LUTA DE CLASSES NO CONTEXTO DA  
ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA PCC***

Trabalho apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Direito pela Escola de Direito e Administração Pública do Instituto Brasiliense de Direito Público – EDAP/IDP.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Mazai

**BRASÍLIA  
NOVEMBRO 2020**

**LUIZA OLIVEIRA FEITOSA**

***SUBVERSÃO DA LUTA DE CLASSES NO CONTEXTO DA  
ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA PCC***

Trabalho apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Direito pela Escola de Direito e Administração Pública do Instituto Brasiliense de Direito Público – EDAP/IDP.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Mazai

Brasília - DF, 08 de dezembro de 2020

---

**Prof. Dr. Norberto Mazai**

Professor Orientador

Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP

---

**Prof. Bruno André Silva Ribeiro**

Membro da Banca Examinadora

Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP

---

**Prof. Cristian Fetter Mold**

Membro da Banca Examinadora

Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP

## ***SUBVERSÃO DA LUTA DE CLASSES NO CONTEXTO DA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA PCC***

Luiza Oliveira Feitosa

**SUMÁRIO:** Introdução; 1. Luta de classes de Marx no contexto carcerário brasileiro; 1.1 Origem da organização criminosa PCC: apontamentos; 1.2 O diferencia do PCC para as demais organizações criminosas; 2. Subversão do conceito de Luta de Classes; 3. O poder no PCC; Considerações finais.

### **RESUMO**

O presente trabalho, realizado por meio do método dedutivo-descritivo-bibliográfico, tem como objetivo analisar se a Luta de Classes trabalhada por Marx encontra eco no contexto da sociedade contemporânea brasileira. Inicialmente será levantada a questão se Luta de Classes se encontra no âmbito carcerário brasileiro. Em seguida, serão apresentados os contextos de uma organização criminosa (PCC), que aparentemente, se utilizou dos preceitos da Luta de Classes para se estabelecer no meio social. Serão feitas análises dos principais fatores que contribuem para que tal luta permaneça até os dias de hoje. Também se discorre como a Luta de Classes sofreu modificações ao longo do tempo. Sucessivamente, serão citados diversos autores, filósofos e estudiosos para tentar compreender como o PCC conseguiu transformar a luta do proletariado na luta da massa carcerária. Aplicam-se conceitos que definem o poder, a subversão e a Luta de Classes. Por fim, serão apresentadas algumas questões atuais do conflito de poder entre o PCC e o Estado.

**Palavras-chave:** luta de classes, organização criminosa, PCC, subversão, massa carcerária e ordem de poder.

### **ABSTRACT**

The present work, carried out through the deductive-descriptive-bibliographic method, aims to analyze whether the class struggle worked by Marx finds echo in the context of contemporary Brazilian society. Initially the question will be raised whether Class Struggle is within the Brazilian prison system. Then, the contexts of a criminal organization (PCC) will be presented, which apparently used the principles of Class Struggle to establish itself in the social environment. Analyzes will be made of the main factors that contribute for such a struggle to remain until today. It is also discussed how the class struggle has changed over time. Subsequently, several authors, philosophers and scholars will be cited to try to understand how the CCP managed to transform the struggle of the proletariat into the struggle of the prison mass. Concepts that define power, subversion and class struggle are applied. Finally, some current issues of the conflict of power between the CCP and the State will be presented.

**Keywords:** class struggle, criminal organization, PCC, subversion, prison mass and power order.

## INTRODUÇÃO

A exposição sobre o problema da subversão da Luta de Classes no contexto da organização criminosa PCC, requer que se coloque em perspectiva a realidade do meio carcerário, suas lutas, dificuldades e enfrentamentos. Nesse sentido, alarga-se a reflexão sobre o papel do PCC, como organização criminosa, e o processo pelo qual passou chegando a subverter o conceito de Luta de Classes. Como consequência são fornecidas evidências de que a luta do proletariado se transformaria na luta da massa carcerária em busca dos direitos econômicos e sociais que já foram postulados. Entretanto, tais direitos não eram garantidos para este grupo, o qual buscava visibilidade social, recursos financeiros e inversão da ordem de poder.

Uma das maneiras que se propõe compreender a inversão da ordem de poder é por meio do conceito da Luta de Classes de Marx. Para o qual o poder advém da propriedade privada, do acúmulo de riquezas e da obtenção do capital. Nesta luta, o filósofo aborda que o poder foi interpretado como algo, com a propriedade de atender a interesses econômicos bem definidos que, a partir da ascensão burguesia, em linhas gerais, giram em torno de impulsionar o acúmulo de capital com base numa maior exploração da força de trabalho, estando, neste caso, as relações de dominação circunscritas aos meios de produção inerentes ao sistema capitalista.

Segundo Karl Marx, a luta de classes se estabelecia justamente na disparidade de recursos financeiros. Na qual, uma pequena parcela da sociedade era privilegiada e a outra era constantemente explorada. De forma que, aqueles indivíduos pertencentes ao nível mais baixo nunca conseguiriam chegar na mesma situação econômica daqueles acima. Afinal as diferenças sociais e a perda da liberdade levam a uma postura subversiva dos internos?

Nesse caso, entende-se subversão como um conceito essencial ao entendimento sobre o comportamento dos internos que fazem parte do PCC. Pois a medida em que a ação de perturbar o desenvolvimento da sociedade levou de certa forma a alterar a vigência das relações de poder, cominando com a influencia social do principal líder. Marcola desenvolveu relações de poder que afetam os detentos, a sociedade e o Estado. Por conseguinte, tais relações afetam o bem estar social. Dessa feita, parece que o “estado paralelo” se estabeleceu.

Nesse sentido, ao que parece, a organização criminosa conhecida como PCC teria disseminado o movimento de uniformização de pensamento da Luta de Classes pelo “avesso”. Tal organização parece ter sido inspirada na mesma causa abordada

pelo filósofo. Contudo, se tal ato for verídico, a Luta de Classes além de ser um fato dentro do escopo da referida facção, também parece ter subvertido o conceito “Luta de Classes” uma vez que procura transformar o meio social e as relações de poder dentro do ambiente carcerário e fora dele. Afinal, o alastramento do poder do PCC na sociedade se estabeleceu em função das diferenças sociais e da privação da liberdade? Ou a perda da liberdade em si leva ao ofuscamento dos direitos dos internos?

Dessa maneira, o presente estudo analisa Luta de Classes (1948) baseada em Marx. Especificamente a Luta de Classes que envolve a população carcerária brasileira e sua motivação para criar uma poderosa facção. Assim, os capítulos a seguir discutem como o PCC congregou o meio social carcerário em uma lucrativa organização criminosa, buscou restabelecer visibilidade no âmbito social subvertendo o conceito de Luta de Classes.

## **1 LUTA DE CLASSES DE MARX NO CONTEXTO CARCERÁRIO BRASILEIRO**

Em meados do século XIX ocorria ao redor do mundo um antagonismo crescente de ideologia dispares que mudariam a forma de enxergar a realidade. De um lado, o capitalismo sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e sua operação com fins lucrativos. De outro lado, o socialismo que se constituía na ideia de organização econômica com propriedade pública ou coletiva dos meios de produção e distribuição de bens, propondo-se a construir uma sociedade caracterizada pela igualdade de oportunidades e meios para todos os indivíduos, com um método isonômico de compensação.

A partir deste contexto, Karl Marx e Friedrich Engels, inconformados com o sistema capitalista, começaram a discutir Luta de Classes . A Luta de Classes é um conceito que diz respeito a expressão dos conflitos entre as diferentes classes sociais, portadoras de interesses completamente antagônicos e inconciliáveis entre si. Tais lutas são travadas não só no campo econômico, como também político e ideológico. No livro Manifesto Comunista Marx e Engels tentaram unificar o caos de ideias em um pensamento coerente. Assim, os autores queriam transformar o mundo combatendo o capitalismo e instigando a luta entre classes.

(...) “os filósofos apenas têm interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”. Era essa a sua razão para elaborar o Manifesto comunista. Ele troçava dos reformadores sociais “utópicos”, para os quais a melhor forma de mudar a situação seria estabelecer idílicas comunidades de trabalhadores longe das chaminés

fumarentas das fábricas. Para mudar a difícil situação dos trabalhadores, Marx acreditava ser necessário participar do processo histórico de luta entre as classes e combater os capitalistas em seu próprio terreno.<sup>1</sup>

Marx e Engels incitaram a Luta de Classes (proletariado contra a burguesia) no intuito de extinguir a desigualdade social que o sistema capitalista oferecia. A frase que abre a primeira parte do Manifesto Comunista – panfleto escrito por Marx e Engels e publicado em 1848 - declara que a história de todas as sociedades é a história da Luta de Classes.

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. (...) A burguesia, durante seu domínio de classe, apenas secular, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais que todas as gerações passadas em conjunto.<sup>2</sup>

Os conflitos entre classes antagônicas, entre os que detém o poder e os subordinados, opressores e oprimidos, são o grande motor que move a história. Devido ao modo como a riqueza é produzida e distribuída, uma classe se levanta contra a outra, o que eventualmente pode derrubar a classe dominante e levar um novo grupo a ocupar esse posto. É o que aconteceu com a burguesia, que tendo seus interesses negados pela aristocracia, causou revoluções e inaugurou um novo sistema onde pode ocupar a posição de classe dominante. Segundo Marx e Engels:

(...)Assim, o proletariado é recrutado em todas as classes da população. O proletariado passa por diferentes fases de desenvolvimento. Logo que nasce começa sua luta contra a burguesia. A princípio, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários do mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente.<sup>3</sup>

Nos dias atuais existe o questionamento, se ainda persiste a Luta de Classes em tempos contemporâneos. De modo que, a sociedade brasileira sofre desde seu início (período da colonização), até hoje (período pós-moderno) em função das diferenças sociais que se delimitaram.

No Brasil, as diferenças sociais são caracterizadas por meio de uma pequena parcela da população que possui muito poder aquisitivo, e a outra grande parcela que padece de extrema carência econômico-financeira. Tal discrepância foi abordada por Marx e Engels em 1848, no livro Manifesto Comunista, no qual os autores argumentam

---

<sup>1</sup>BOYLE, David. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. Rio de Janeiro. ZAHAR. 2006. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537804681/>.

<sup>2</sup>MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista.1848. Porto Alegre.L&PM.2009.

<sup>3</sup>MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista.1848. Porto Alegre.L&PM.2009.

que a Luta de Classes era necessária e fundamental para a conquista de espaço social.

(...) O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores. Esta união é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação criados pela grande indústria e que permitem o contato entre operários de localidades diferentes. Ora, basta esse contato para concentrar as numerosas lutas locais, que têm o mesmo caráter em toda parte, em uma luta nacional, em uma luta de classes.<sup>4</sup>

De maneira geral, as classes sociais podem ser entendidas como sendo um grupo de indivíduos que possuem em comum uma mesma situação econômica e o mesmo tipo de acesso aos meios de produção. Esses “meios de produção” estão relacionados com as formas de produção dos bens de consumo que existem em uma sociedade, ou seja, fábricas e grandes porções de terra dedicadas à obtenção de matérias-primas para a produção de bens industrializados, por exemplo.

Um sujeito provavelmente se constitui, constitui e é constituído nas/pelas/relações sociais. Relações estas, de classe (capital x trabalho). Como tal, envolvem lutas e contradições próprias da histórica humana, e todos os modos de produção, e, no caso específico, o brasileiro: capitalista.<sup>5</sup>

Desse modo, é a condição material dos indivíduos que determinaria os demais aspectos de sua vida. A importância dada por Marx a esse quesito se justifica, segundo a sua teoria, pelo impacto que a situação econômica de um sujeito tem em sua trajetória de formação. Conforme o autor dispõe no trecho do Manifesto Comunista:

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto tem trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se a retalho, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado.<sup>6</sup>

Por isso, aqueles que possuem maior condição econômica também possuem maior número de oportunidades de se manter em melhor condição material. Já aqueles desprovidos das mesmas oportunidades e das condições econômicas enfrentam maiores dificuldades de ascensão na escala social.

---

<sup>4</sup>MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 1848. Porto Alegre.L&PM. 2009.

<sup>5</sup>REIS, Renato Hilário dos. A Constituição do SER HUMANO: amor, poder, saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas. Autores Associados. 2011.

<sup>6</sup>MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista.1848. Porto Alegre.L&PM.2009.

Os homens, aos estabelecerem relações sociais, relações estas que correspondem a seu modo de produção material criam também as ideias, isto é, a expressão ideal, abstrata dessas mesmas relações. Categorias tão poucas quanto as relações as quais servem de expressão.<sup>7</sup>

Ademais, a perspectiva da condição econômica somada a oportunidade leva ao aumento das condições materiais do indivíduo pode gerar grande peso no processo que determina inúmeros aspectos de sua vida. Isso quer dizer que a concepção materialista da história atribui à condição material do sujeito fenômenos sociais que se desdobram em várias camadas diferentes do mundo social<sup>8</sup>. A cultura, a educação, status social, a exclusão social e os muitos outros aspectos da vida estariam intimamente relacionados com a condição material. Conforme Marx aborda na sua obra *Contribuição à Crítica da Economia Política*.<sup>9</sup>

Diante disso, segundo Marx, não seriam os valores ou as ideias que motivaram as mudanças sociais do mundo, mas sim a situação das classes dessa sociedade. O filósofo também afirmava que o proletariado iria retirar pouco a pouco o capital da burguesia no intuito de conseguir obter mais poder social.

O proletariado utilizara sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o mais rapidamente possível o total das forças produtivas.<sup>10</sup>

Ainda nesta perspectiva de relações sociais, o Professor Renato Hilário faz considerações sobre a Luta de Classes e de como no contexto atual, esta luta permeia

<sup>7</sup>REIS, Renato Hilário dos. *A Constituição do SER HUMANO: amor, poder, saber na educação/alfabetização de jovens e adultos*. Campinas. Autores Associados. 2011.

<sup>8</sup>RODRIGUES, Lucas de Oliveira. *A história humana está envolta em uma diversidade de conflitos em razão da condição material dos sujeitos: a luta de classes*. Disponível em: <https://mundoeducacao.com.br/sociologia/luta-classes.htm>

<sup>9</sup>“Nas minhas pesquisas, cheguei à conclusão de que as relações jurídicas – assim como as formas de Estado – não podem ser compreendidas por si mesmas, nem pela dita evolução geral do espírito humano, inserindo-se, pelo contrário, nas condições materiais de existência(...) A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social”. MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 1858. São Paulo. 2ª edição. Expressão Popular. 2008.

<sup>10</sup>MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 1848. Porto Alegre. L&PM. 2009.

a sociedade e cria uma tensão constante entre as classes.

O modo de produção é um conjunto articulado/articulante, complexo e contraditório, permeado pela luta de classes (motor da história). Um embate/confronto permanente entre sujeitos que detêm a propriedade dos meios de produção e sujeitos que detêm a propriedade da força de trabalho. (...) Esse movimento de produzir/expropriar/produzir evidencia uma tensão permanente entre uma classe e outra.<sup>11</sup>

Neste contexto de desfavorecimento econômico e social, surge entre 1993 a 2000 uma organização criminosa, que por meio de diversas influências sociais, consegue filiar um número grande de internos nas cadeias em São Paulo.

O motivo para que essa organização se estabelecesse parece ter sido o sentimento da população carcerária de se sentirem cansados de serem ignorados socialmente, inclusive pelo Estado. Dessa maneira, unem-se com a intenção de amenizar as diferenças financeiras e sociais pertinentes às condições que eles vivem.

Na medida em que o PCC se organiza, uma Luta de Classes parece surgir na população carcerária, a qual cresce e se expande pelo Brasil. O que gerou notoriedade e ganhou visibilidade e espaço na sociedade. Também estabelece proteção para os membros, graus de hierarquia visivelmente estruturados e dominação do tráfico de cocaína no país, ocasionando a geração de alto lucro para o líder e seus membros. Esses fatos supracitados implicam na necessidade de refletir os pressupostos que sustentam a organização criminosa PCC.

## 1.1 ORIGEM DA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA PCC: APONTAMENTOS

Na década dos anos 90, no Brasil havia inúmeras mortes nos presídios e revoltas violentas. Por consequência disso, ocorreu o “Massacre do Carandiru” evento que houve diversos internos mortos e submetidos a inúmeras situações degradantes, como humilhação e tortura.

Um ano após o Massacre, durante uma partida de futebol na quadra do “Piranhão”, pavilhão anexo da Casa de Custódia de Taubaté, oito presos (transferidos da capital do Estado para o anexo como castigo por mau comportamento) decidiram realizar uma espécie de sindicato do crime e batizar o time como Primeiro Comando da Capital. De acordo com o autor Marcio Sergio Christino, estes oito internos seriam os responsáveis pelo começo da facção criminosa.

Para defender a camisa do PCC e começar a organizar a facção, também chamada logo no início de Partido do Crime e de 15.3.3, por

<sup>11</sup>REIS, Renato Hilário dos. A Constituição do SER HUMANO: amor, poder, saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas. Autores Associados. 2011.

causa da ordem das letras "P" e "C" no alfabeto, estavam escalados Misael Aparecido da Silva, o Misa, Wander Eduardo Ferreira, o Eduardo Cara Gorda, Antônio Carlos Roberto da Paixão, o Paixão, Isaías Moreira do Nascimento, o Isaías Esquisito, Ademar dos Santos, o Dafé, Antônio Carlos dos Santos, o Bicho Feio, César Augusto Roris da Silva, o Cesinha, e José Márcio Felício, o Geleião.<sup>12</sup>

Assim, a facção criminosa (PCC) aproveitando-se da situação de violência interna dos presídios conseguiu forjar uma radical mudança no sistema interno carcerário, unir todos os presos contra o Estado e combinar objetivos que culminou com a criação do “Partido do Crime”, o que nenhuma outra organização almejou.

Os atentados de 2006 conformaram as relações de poder no sistema prisional, cuja base seria a acomodação entre a massa carcerária – sob a liderança do PCC – e a administração penitenciária. O Estado revelara-se incapaz de conter possíveis motins comandados pelo grupo. Apenas o PCC poderia evitar tais eventos, “disciplinando” os presos, conforme seus preceitos e valores. Em outras palavras, a hegemonia do PCC seria a condição necessária para a manutenção da política penal principal executada no Brasil, o encarceramento em massa, ao passo que este mesmo fenômeno, acrescido das péssimas condições de privação de liberdade, se constituiria como elemento essencial ao fortalecimento do PCC. Um elemento reforçaria o outro.<sup>13</sup>

Ademais, conforme a estudante Thais Lemos aborda em seu artigo, o PCC, como organização criminosa, teria nascido por uma “necessidade humana” de se agrupar.

Conforme os gestores, assim como outras organizações criminais originárias dos cárceres, o PCC teria surgido da “necessidade humana” de se agregar. Nas prisões, o grupo paulista seria uma espécie de “irmandade”, com a tarefa de dotar os indivíduos de algum nível de autoridade frente à administração prisional, em busca de garantias por determinados direitos.<sup>14</sup>

Tal organização, ao que parece, conseguiu conciliar os interesses da comunidade carcerária com a maximização de lucros. Com intuito de dominar o mercado de cocaína no Brasil, valorizar os membros do Partido do Crime, oferecer oportunidades de vida (como bons advogados, recursos financeiros, recursos materiais) que a maioria dos internos nunca teve. De modo que, aparentemente, Marcola vislumbrou uma oportunidade de lucro com a filiação, subordinação e

---

<sup>12</sup>CHRISTINO, M.TOGNOLLI, C. Laços de Sangue. A história secreta do PCC. São Paulo.Matrix. 2017.

<sup>13</sup>Adorno, Sérgio; Dias, Camila Nunes. Cronologia dos ‘Ataques de 2006’ e a nova configuração de poder nas prisões na última década. Revista Brasileira de Segurança Pública. 2016.

<sup>14</sup>DUARTE. Thais Lemos. Vacuo no Poder? Reflexoes sobre a difusão do Primeiro Comando da Capital pelo Brasil. Revista Crítica de Ciencias Socias. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/10663#tocto1n3>

lealdade de inúmeros presos, além de conseguir ofertar para eles, tudo o que tais indivíduos almejam como dinheiro, visibilidade e direitos garantidos.

Diante do exposto, é possível analisar que a ascensão da organização se perfaz com um confronto pelo poder e possível subjugação de uma classe em face da outra. De maneira que, além de Marx, o escritor Gramsci aborda em suas obras uma luta entre classes, discute sobre a submissão que uma classe impunha em outra e de como haveria embates pelo poder. O autor sugere em seus estudos de classes subalternas a observação de uma série de mediações.

(...) desenvolvimento das transformações econômicas; (...) adesão ativa ou passiva às formações políticas dominantes; as lutas travadas a fim de influir sobre os programas dessas formações para impor reivindicações próprias; a formação de novos partidos dos grupos dominantes, para manter o consenso e o controle dos grupos sociais subalternos; a caracterização das reivindicações dos grupos subalternos e as formas que afirmam a autonomia.<sup>15</sup>

Ainda nesta análise, o Professor Joseph Buttigieg aplica os conceitos de submissão e subalternidade de Gramsci aos dias atuais.<sup>16</sup>

Dessa forma, pode-se analisar no âmbito da sociedade civil, a classe dominante, que por meio do uso do poder de forma não violenta, contribui para reforçar o conformismo<sup>17</sup>. No qual, aposta na desestruturação das lutas das classes subalternas, reduzindo-as ao esquecimento social e relativizando as constantes dificuldades de constituir meios necessários para uma vida socialmente decente. Conforme aparentemente, demonstra a relação Sociedade x Organização Criminosa PCC.

## 1.2 O DIFERENCIAL DO PCC PARA AS DEMAIS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS

Antes do PCC ser formado, ocorreu um grande massacre no Carandiru. Evento este que, de forma aleatória e bruta, proporcionou muitos internos mortos pela Tropa de Choque de São Paulo. Com isso, oito indivíduos revoltados com essa situação,

<sup>15</sup>GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2002 . v. 5.

<sup>16</sup>"A categoria "subalterno" e o conceito de "subalternidade" têm sido utilizados, contemporaneamente, na análise de fenômenos sociopolíticos e culturais, normalmente para descrever as condições de vida de grupos e camadas de classe em situações de exploração ou destituídos dos meios suficientes para uma vida digna. No pensamento gramsciano, contudo, tratar das classes subalternas exige, em síntese, mais do que isso. Trata-se de recuperar os processos de dominação presentes na sociedade, desvendando "as operações político-culturais da hegemonia que escondem, suprimem, cancelam ou marginalizam a história dos subalternos". BUTTIGIEG.J. Sulla Categoria gramsciana di 'subalterno'. In: BARATA, G.; LIGUORI, G. (Org.). Gramsci da un secolo all'altro. Roma. Editori Riuniti. 1999.

<sup>17</sup>SIMIONATTO. Simone. Classes Sulbaternas, lutas de classes e hegemonia: uma abordagem gramsciana. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Aprovado em 11.01.2009.

tiveram a ideia de iniciar uma facção, assim como várias que existiam dentro dos presídios brasileiros, a ideia inicial era proteger os presos daquele que os oprimia, o Estado. Após muitas desavenças, intrigas e mortes, tal organização trocou várias vezes de liderança e forma de lidar com seus problemas externos e internos.

Por consequência, o que diferenciou o PCC das demais facções que existiam nessa época, foi um novo único líder e com ele novas influências se ampliaram. A partir de então, nasce uma nova filosofia para a organização. Este novo líder, chamado vulgarmente de Marcola, teve contato com o líder do cartel de Cuba dentro do presídio, esta amizade rendeu inúmeros ensinamentos de como inflamar os demais presos a enxergarem a realidade de marginalização e esquecimento pelos mais abastados da sociedade.

Por duas vezes, o Estado conseguiu juntar o mais perigoso dos líderes de facção do Brasil com único terrorista internacional com experiência em organizar e liderar uma organização clandestina. (...) Marcola e Norambuena ficaram aproximadamente um ano juntos, em contato pessoal onde puseram estudar e ter ideia do que um pensava sobre o outro. Se o contato e a convivência entre Marcola e Norambuena rederam frutos ou não, ninguém pode afirmar. Mas o fato é que a reorganização do PCC foi brutal após a ascensão de Marcola.<sup>18</sup>

Antes da influência do novo líder (Marcos Willians Herbas Camacho, mais conhecido como Marcola) a estrutura do PCC “seguia um esquema tradicional piramidal: chefia acima, com a base se ampliando embaixo”. De acordo com o Ex-Procurador de Justiça do Estado de São Paulo, antes de Marcola, todos faziam parte da quadrilha, só que cada um tinha suas próprias atividades e interesses próprios, fazendo com a facção se assemelhasse mais a uma coligação criminosa.

Contudo, tudo mudou depois do contato de Marcos com o líder do cartel cubano. Assim, ao que parece Marcola almejou mais que somente filiar membros e duelar com outras facções dentro do presídio. Guiado por ideais de esquerda, o novo líder do PCC, estruturou, estratificou e setorizou todos os departamentos da organização, algo que os membros chamam de “sintonias”, exterminando interesses individuais.

Depois do contato com Norambuena, criou-se o que é chamado de Sintonia Final. (...) Já não há mais espaço para iniciativa individual, já que tudo e todos estão integrados dentro da estrutura. As sintonias foram, então, batizadas. Havia Sintonia das Gravatas, uma referência aos advogados, que trabalham pela e para a organização, para quem é preso ou para quem está preso e quer receber benefícios.<sup>19</sup>

<sup>18</sup>CHRISTINO, M.; TOGNOLLI, C. Laços de Sangue. A história secreta do PCC. São Paulo. Matrix. 2017.

<sup>19</sup>CHRISTINO, M.; TOGNOLLI, C. Laços de Sangue. A história secreta do PCC. São Paulo. Matrix. 2017.

Assim, quanto mais a organização crescia, mais sintonias eram criadas. Cada uma delas tinha um propósito e objetivo, por exemplo, no setor financeiro havia a Sintonia da Caixinha (uma contribuição mensal que todos os membros do partido precisam contribuir, dinheiro este que será revertido em outros setores ou sintonias da organização). Tais estruturas de poder não podem ser vistas nas demais organizações, todas as sintonias são criadas com propósito, em que possuem objetivo e uma finalidade.

Aparentemente, o novo líder do PCC sabia que para transformar sua facção criminosa em uma organização funcional e lucrativa, era necessário estratificá-la em setores (financeiro, auxílio às famílias, pagamento de diversos profissionais que servem a organização, pagamento mensal dos membros, entre outros), como se fosse uma empresa. Conforme a Lemos aborda em seu artigo.

Outros gestores chamam a atenção sobre o fato de o PCC apresentar uma estrutura de “empresa”, sendo uma “máquina de fazer dinheiro”, cujo objetivo final seria o lucro “a qualquer custo”. Realiza-se, então, uma leitura quase moral sobre as ações do grupo. A vida das pessoas, os efeitos do comércio de drogas e as consequências da venda de armas à sociedade ficariam em segundo plano, pois o importante seria a ampliação dos seus negócios.<sup>20</sup>

Dessa forma, o PCC foi crescendo dentro e fora dos presídios em busca de paz, justiça e igualdade. De modo que 8 detentos transformaram uma rebelião numa facção criminosa organizada do tipo mafiosa, conforme expõe o autor Nestor Sampaio.

Criminalidade organizada do tipo mafiosa (Ndrangheta e Stida, na Itália; Yakuza, no Japão e Cartel de Cali, na Colômbia), cuja atividade delituosa se baseia no uso da violência e da intimidação, com estrutura hierarquizada, distribuição de tarefas e planejamento de lucros, contando com clientela e impondo a lei do silêncio. Seus integrantes vão desde os agentes do Estado até os executores dos delitos; as vítimas são difusas, e o controle social encontra sério óbice na corrupção governamental.<sup>21</sup>

No entanto, o estatuto elaborado pelo Primeiro Comando da Capital foi o grande diferencial entre as demais organizações. Tal documento era claro e objetivo quanto aos propósitos dos membros, a ideia geral era: presos se manterem unidos e organizados para combater o verdadeiro o inimigo, o Estado.

---

<sup>20</sup>DUARTE, Thais Lemos. Vacuo no Poder? Reflexoes sobre a difusão do Primeiro Comando da Capital pelo Brasil. Revista Critica de Ciencias Socias. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/10663#tocto1n3>

<sup>21</sup>FILHO, Penteado, N. S. Manual Esquemático de Criminologia. São Paulo. Saraiva. 2020. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788553615858/>.

13- Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção (...)

14 - Porque nós do Comando vamos sacudir o sistema e fazer essas autoridades mudarem a política carcerária, desumana, cheia de injustiça, opressão, tortura e massacre nas prisões.

(...) iremos revolucionar o país de dentro das prisões e o nosso braço armado será o Terror dos "Poderosos" (...) Conhecemos nossa força e força dos nossos inimigos. Poderosos, mas estamos preparados, unidos, e um povo unido jamais será vencido.<sup>22</sup>

## 2 SUBVERSÃO DO CONCEITO DE LUTA DE CLASSES

A Luta de Classes, de Marx e Engels, aborda um conflito latente de classes sociais distintas com interesses complementemente divergentes. Neste contexto, Marx conceitua em sua obra Manifesto Comunista quem seria a burguesia e quem seria o proletariado naquela época.

Por burguesia entendemos a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo meios próprios de produção, reduzem-se a vender a força de trabalho para poderem viver.<sup>23</sup>

Atualmente, o autor Guy Standing defende que nos dias de hoje com a instauração do capitalismo o proletariado não possui mais o poder revolucionário que um dia teve.<sup>24</sup>

Adaptando para tempos modernos, fazendo assim uma analogia com o conceito definido por Marx, a burguesia atualmente seriam aqueles ainda detentores dos meios de produção (abastados socialmente e financeiramente). Assim, o autor Standing elabora em seu artigo, a estrutura de classes atualmente.<sup>25</sup>

<sup>22</sup>JOZINO, Josmar. Cobras e Lagartos. A verdadeira história do PCC. São Paulo. Via Leitura. 2017.

<sup>23</sup>MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 1848. Porto Alegre. L&PM. 2009.

<sup>24</sup>"Ao longo do século XX o proletariado conheceu uma gradual desmercadorização do trabalho, devido à circunstância de uma parte dos seus rendimentos consistir em ganhos de capital em remunerações não salariais. A materialização mais importante deste fenómeno são os gigantescos fundos de pensões que premeiam os trabalhadores proletarizados pelos longos anos de "serviço" durante os quais investiram em mercados de capitais para obter fundos. O resultado disso é que se torna muito difícil imaginar o proletariado a ter um papel "revolucionário" ou transformador, atendendo ao modo como os seus representantes, e nomeadamente os sindicatos, cimentaram os seus interesses no interior do próprio capitalismo". STADING, Guy. O Precariado e a Luta de Classes. Revista Crítica de Ciências Sociais. Tradução de João Paulo Moreira. 2014. Disponível em: <https://journals.opemediton.org/rccs/5521>

<sup>25</sup>"Hoje em dia ganha forma, a nível global, uma estrutura de classes profundamente diferente. (...) ela é constituída por sete grupos, nem todos constituindo propriamente classes, quer na ação marxista, quer no sentido weberiano do termo. Na sua maior parte possuem claras relações de produção, de distribuição, relações com o Estado e ainda uma clara consciência moral. (...) Abaixo dos grupos que podemos designar como classes existe uma subclasse, um lumpen-precariado constituído por gente que se arrasta, acabrunhada, pelas ruas, morrendo na miséria. (...) No topo da estrutura há uma plutocracia – um punhado de super-cidadãos detentores de uma vasta riqueza, na sua maior parte obtida ilicitamente, e gozando de um enorme poder informal, parcialmente associado ao capital financeiro. (...) Abaixo da

Dessa forma, é importante ressaltar que o sentido de proletariado, anteriormente citado, precisa ser modificado para tempos contemporâneos. Uma vez que, o termo proletário tem suas origens no latim; na Roma antiga, “proletarii” eram os cidadãos da classe social mais baixa. Assim, Marx retomaria o termo para designar os trabalhadores da sociedade capitalista do século 19. De modo que, atualmente é preciso observar como tal definição transcendeu os paradigmas definidos anteriormente, conforme afirma o jornalista Erick Kayser.

Marx nem sempre fez um uso do termo proletário o associando diretamente a operário, mas assumindo algumas vezes um sentido ampliado, quase como sinônimo de trabalhador assalariado. Resgatar ou ressignificar a abrangência do antagonismo de classe, como Marx por vezes insinua, parece um promissor caminho para a noção de luta de classes recobrar sentido efetivo para as lutas contemporâneas.<sup>26</sup>

Ademais, conforme disposto no capítulo anterior, a organização criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) nasceu devido a diversos aspectos de marginalização, ausência de direitos constitucionais garantidos e inviabilidade social e econômica. Assim, ao que parece os detentos que fundaram o PCC se veem como uma classe menosprezada e marginalizada pela sociedade e pelo seu maior representante, o Estado.

De forma que tais indivíduos cansados de serem ignorados resolvem se unir e combater o opressor, instituindo uma Luta de Classes subvertida. De acordo com o Dicionário Aurélio a subversão pode ser conceituada como uma ação ou efeito de perturbar o desenvolvimento normal de alguma coisa ou um conjunto de procedimentos que visam a queda de um sistema político, econômico ou social: uma subversão política. Nesta concepção, os presos se assemelham ao proletariado

---

plutocracia encontra-se uma elite com a qual aquela tem muito em comum, embora os membros dessa elite possuam nacionalidade definida. Os dois grupos funcionam como classe dominante efetiva, quase hegemônica no seu presente estatuto. (...) Logo abaixo está o salariado, grupo com segurança de emprego a longo prazo, salários elevados e amplas regalias ao nível da relação empresarial. Os seus membros ocupam as burocracias do Estado e os escalões mais elevados das grandes companhias. A chave para se entender a sua posição de classe está em que vão buscar ao capital, sob a forma de ações, uma fatia cada vez maior dos rendimentos e da sua segurança. (...) Grupo dos proficians, “empresários”, independentes e em atividades afins. Auferem rendimentos elevados. (...) Seria estulto afirmar que integram uma classe trabalhadora una, uma vez que são, fundamentalmente, empresários que a si mesmos se vendem, ou seja, constituem uma força de trabalho verdadeiramente mercadorizada. (...) Abaixo, em termos de rendimento médio, situa-se o núcleo do velho proletariado, em rápido processo de retração em todo o mundo. Aquilo que dele resta irá perdurar, mas falta-lhe a força para fazer avançar ou impor a sua agenda no domínio político, ou sequer para assustar o capital com reivindicações.” STADING. Guy. O Precariado e a Luta de Classes. Revista Crítica de Ciências Sociais. Tradução de João Paulo Moreira. 2014. Disponível em: <https://journals.opemedition.org/rccs/552>.

<sup>26</sup>KAYSER. Erick. No século 21 devemos ainda falar em luta de classes? Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/no-seculo-21-devemos-ainda-falar-em-luta-de-classes/>

subjugado pela outra parte da sociedade (burguesia).

A organização do proletariado em classe e, portanto, em partido político, é incessantemente destruída pela concorrência que fazem entre si os próprios operários. Mas renasce sempre, e cada vez mais forte, mais firme, mais poderosa. De todas as classes que ora enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária.(...)Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade atual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia.<sup>27</sup>

No PCC a Luta de Classes se assemelha, por comparação àquela que é encontrada Marx. Portanto, no PCC os papéis sociais são semelhantes àqueles que foram identificados nos grupos mais contemporâneos na luta do proletariado explorado. Desse modo, esse movimento foi atualizado para na massa carcerária. Esta por sua vez, ao se considerar ignorada constantemente, juntou-se para defender seus interesses e garantir além de sobrevivência, um lugar no âmbito social com poder financeiro. De modo que, o filósofo Marx afirmava que se o proletariado tivesse consciência de seu potencial organizado, seria inevitável uma troca de poder. A seguir o capítulo 3 discute o poder no PCC.

### **3 O PODER NO PCC**

Conforme abordado anteriormente, o indivíduo é constituído por diversos fatores (relações sociais, condição material, oportunidades etc.). Por exemplo, as relações sociais entre os membros da sociedade, estão constantemente permeadas por relações de poder, uma vez que:

O indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através dos indivíduos que ele constituiu.<sup>28</sup>

Na obra *Vigiar e Punir*, o filósofo Foucault aborda as relações de poder existentes na contemporaneidade, dentro das cadeias e dos internos que ali habitavam. De forma que, ao aprisionar e privar os detentos de liberdade, ao mantê-los em uma prisão, ajuda a criar sujeitos que entram no sistema carcerário que acabam se tornando indivíduos de natureza perigosa.

Habitualmente se acredita que a prisão era uma espécie de depósitos de criminosos, depósitos cujos inconvenientes se teriam constatado

<sup>27</sup>MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista.1848. Porto Alegre. L&PM. 2009.

<sup>28</sup>FOUCALUT, Michael. Microfísica do Poder. Tradução Roberto Machado. 24ª edição. Rio de Janeiro. Editora Graal.1979

por seu funcionamento, de tal forma que se teria dito ser necessário reformar as prisões, fazer delas um instrumento de transformação dos indivíduos. [...]. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade.<sup>29</sup>

O atual contexto dos presídios deixa clara a importância da problemática de tais estabelecimentos. A qual foi exposta por Foucault em sua obra e de como o sistema carcerário contemporâneo se tornou uma espécie de depósito de pessoas, convivendo sem as mínimas condições de respeito e dignidade.

Quem já esteve preso carrega consigo um estigma que praticamente o impede de conseguir emprego; não conseguindo emprego fica sujeito a uma prisão por vadiagem, pois a polícia o avalia em função de sua ficha criminal e não titubeia em mandá-lo novamente para a cadeia. É esta quase fatalidade a que se acham sujeitos os que passaram alguma vez pelos órgãos policiais que acaba por fornecer a base de mais uma crítica que também não vai ao cerne da questão. Diz-se a meia verdade, que a forma como é tratado o ex-presos incita-o a reincidir no crime.<sup>30</sup>

De modo que, aquele que esteve preso carrega consigo um estigma social. Tal situação, muitas vezes impede o ex-interno de obter emprego e conquistar espaço na sociedade como uma pessoa capacitada. Conforme expõe o autor do livro Mundo do crime, a ordem do avesso.

De qualquer modo, a crítica capta a ordem inversa em que as coisas estão acontecendo: a prisão existiria para reeducar o infrator e deixá-lo apto a reintegrar-se à vida social ao fim de um período de segregação. Entretanto, o próprio documento pelo qual ele é liberado condena-o, na verdade, a permanecer segregado, ainda que fora das grades.<sup>31</sup>

Pode-se então compreender que os indivíduos que foram ou estão presos, parecem não ser mais aptos para a vida social e dignos de todos os direitos firmados pelo ordenamento jurídico, e por isso, se enxergam como excluídos do âmbito social. Âmbito este que, promete a todos as mesmas oportunidades, mesmas chances de poder aquisitivo, mesmos direitos garantidos, por exemplo.

Usadas não só para justificar o crescimento e hegemonia do PCC em São Paulo, a “fraqueza” e “ausência” do Estado se tornaram eixos explicativos centrais para se discutir a difusão da organização pelo

<sup>29</sup>FOUCALUT, Michael. Microfísica do Poder. Tradução Roberto Machado. 24ª edição. Rio de Janeiro. Editora Graal.1979

<sup>30</sup>RAMALHO, JR. Mundo do crime: a ordem pelo avesso [online]. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 165 p. ISBN: 978-85-9966-226-7. Disponível em: SciELO Books.

<sup>31</sup>RAMALHO, JR. Mundo do crime: a ordem pelo avesso [online]. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 165 p. ISBN: 978-85-9966-226-7. Disponível em: SciELO Books.

Brasil. (...) Entre outras dinâmicas, superlotação, carência de insumos materiais, ausência de vagas de trabalho, falta de acesso ao estudo e práticas de tortura marcam os cenários prisionais de basicamente todos os estados.<sup>32</sup>

Contudo, todos esses aspectos citados anteriormente, não se fazem presentes na vida de tais indivíduos, muitas vezes antes mesmo de ingressar na vida carcerária. Ao que parece, tais internos filiam-se a uma organização que lhes pode prover uma inversão de poderes. Na qual aqueles indivíduos excluídos e ignorados podem, por uma via ilegal, possuir uma nova perspectiva. Nestas condições, tais indivíduos, ao que parece, poderiam assegurar todos os aspectos sociais e econômicos conforme almejam.

De acordo com alguns gestores do DEPEN (Departamento Nacional Penitenciário) os internos começam a sentir que pertencem a uma sociedade, um meio social que os aceita.

A partir do momento que esses presos começam a se sentir pertencentes a uma sociedade, porque eles têm uma sociedade de irmandade, isso vai dando o empoderamento individual. Porque o indivíduo para viver em uma sociedade ele tem que sentir, você sabe mais do que eu disse até... Ele tem que ter uma questão de... se sentir pertencente a determinado grupo. (Entrevista com gestor D – DEPEN) O PCC dá conta do colchão, dá conta das briguinhas, tem as regras, entre eles. Não pode matar, não pode isso, não pode aquilo, não pode usar droga... não pode usar droga não, não pode usar *crack*. Eles têm as regras deles que são rígidas, muito mais do que do próprio Estado. (Entrevista com gestor B – DEPEN)<sup>33</sup>

Além disso, os gestores do DEPEN falam sobre questões como a ausência de força e poder estatal, o que ocasiona um vácuo de poder.

Não obstante, menções a “sociedades paralelas”, “vácuos de poder”, bem como análises dicotômicas sobre “ausência” e “presença” foram pontos comuns nas narrativas dos gestores para explicar o surgimento e fortalecimento do PCC em São Paulo. Mobilizando uma perspectiva sobre o Estado como uma instância máxima de gerência administrativa e burocrática, o PCC teria ganhado corpo em confronto às estruturas organizacionais. Ou seja, conforme as narrativas a seguir, o grupo teria se feito “presente” pela “ausência” de políticas prisionais e de segurança pública em âmbito nacional.<sup>34</sup>

<sup>32</sup>DUARTE. Thais Lemos. Vacuo no Poder? Reflexoes sobre a difusão do Primeiro Comando da Capital pelo Brasil. Revista Critica de Ciencias Socias. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/10663#tocto1n3>

<sup>33</sup>DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento nacional de informações penitenciárias. Atualização – junho de 2016. Brasília: DEPEN/Ministério da Justiça e Segurança Pública.2017.

<sup>34</sup>DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento nacional de informações penitenciárias. Atualização – junho de 2016. Brasília: DEPEN/Ministério da Justiça e Segurança Pública.2017

Este suposto vácuo de poder estatal, ao que aparenta, foi substituído pelo poder do PCC, na condição de organização criminosa, cuja principal característica é de ser empresa e irmandade. Conforme dispõe Manso e Dias na sua obra *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime*.

Portanto, ao que tudo indica, na visão dos gestores o PCC assume uma feição idiossincrática. O PCC comportaria características de empresa, igreja e irmandade, sendo oblíquo fechar um olhar único sobre o grupo. Um retrato da organização está diretamente relacionado ao prisma utilizado para mirá-la.<sup>35</sup>

Frente a essa problemática, pode-se notar que quando ocorre um “vácuo de poder”, poderá haver um preenchimento desta falta por algum grupo social ou alguma camada da sociedade. Neste caso, foi possível observar que, consecutivo à falha do poder estatal, o PCC se instaurou em diversos âmbitos e reorganizou a ordem de poder prévia. Segundo Dias aborda:

(...) de 1993 até 2001 ocorreu uma violenta expansão do grupo dentro do sistema prisional paulista, sendo estabelecidos padrões comportamentais com uma importância simbólica entre os presos, como, por exemplo, o fim dos estupros. Esta primeira fase pode caracterizar-se por um crescimento constante da violência e por eventos de rupturas da ordem nas prisões. (...) os atentados de 2006 conformaram as relações de poder no sistema prisional, cuja base seria a acomodação entre a massa carcerária – sob a liderança do PCC – e a administração penitenciária. O Estado revelara-se incapaz de conter possíveis motins comandados pelo grupo. Apenas o PCC poderia evitar tais eventos, “disciplinando” os presos, conforme seus preceitos e valores.<sup>36</sup>

Portanto, pode ser analisado que a Luta de Classes, conceituada por Marx e Engels, permanece no meio social brasileiro até os dias de hoje. Entretanto, esta luta sofreu atualizações para melhor se enquadrar no contexto atual, em que o conceito de proletariado, por exemplo, pode ser utilizado em diversos grupos sociais que são explorados pelo sistema de governo estabelecido.

Em meados do século XX, o capital, os sindicatos e o mundo do trabalho em geral, bem como os partidos trabalhistas e socialdemocratas estiveram, todos eles, de acordo quanto à criação de uma sociedade e de um Estado-providência inspirados no laborismo, assentes numa maioria proletarizada, apostados no trabalho estável e em que houvesse uma ligação implícita entre trabalho e benefícios. Para o proletário, o grande objetivo era ter

---

<sup>35</sup>MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila. *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime*. São Paulo. Todavia. 2018.

<sup>36</sup>Dias, Camila. *Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista*. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil. 2011.

trabalho “decente” e melhor, não a fuga ao trabalho. A estrutura de classes correspondente a tal sistema era relativamente fácil de descrever, com uma burguesia – empregadores, gestores e quadros superiores assalariados – oposta ao proletariado e formando assim, no seu conjunto, a espinha dorsal da sociedade.<sup>37</sup>

Assim, a massa carcerária, por analogia, pode ser comparada ao proletariado qualificado por Marx, que possui indivíduos ignorados pelo meio social e pelo poder estatal. Tais indivíduos, muitas vezes sem recursos, recorrem ao crime para saciar desejos financeiros e notoriedade social. Como consequência, de atos ilícitos e puníveis, tais pessoas são levadas para cadeia e neste ambiente, suas existências permanecem irrelevantes.

Nesta perspectiva, surge um líder de uma organização criminosa que incita os internos a se rebelar contra a ordem preestabelecida. De forma que, o PCC ao desestruturar esta ordem do meio carcerário, subverteu a Luta de Classes. Sendo que, Marx abordava em suas obras, uma luta de trabalhadores e aqui neste contexto, o líder do PCC, usa esta filosofia nos presídios com criminosos, modificando a Luta de Classes marxista. Este novo embate, se perfaz com indivíduos presos unidos em prol da defesa seus direitos, "combater um único inimigo" e tentar inverter a relação de poder estipulando regras próprias.

As organizações criminais, como o PCC, surgem como produto de uma “ausência” estatal no processo de formulação de políticas públicas e na garantia de direitos, dominando territórios que formalmente deveriam ser “geridos” pelo Estado – sejam prisões, sejam áreas periféricas de grandes cidades. Tudo passa a ser explicado através de um paralelismo e/ou de um acoplamento indevido dos grupos ao aparelho estatal.<sup>38</sup>

O intuito do líder do PCC ao organizar os presidiários era que seria mais fácil dominar as cadeias, estabelecer uma nova ordem, criar um modelo de facção mais organizada e lucrativa, cuja tentativa era assegurar direitos postulados constantemente ignorados pelo Estado. Por meio desta estratégia o líder do PCC visava manter seus membros sempre fiéis e consequentemente, manter-se no poder.

Em 15 de junho de 2016, no intuito de se firmar ainda mais, integrantes do PCC assassinaram Jorge Rafaat – conhecido como o “Rei da fronteira”, o “chefão” do crime organizado na fronteira com o Paraguai<sup>39</sup>. O PCC alcançou a hegemonia do tráfico de

---

<sup>37</sup>STADING, Guy. O Precariado e a Luta de Classes. Revista Crítica de Ciências Sociais. Tradução de João Paulo Moreira. 2014. Disponível em: <https://journals.opedition.org/rccs/5521>.

<sup>38</sup>Rafael, Antônio. As armas do crime: reflexões sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Civitas – Revista de Ciências Sociais. 2001. 165-180. DOI : 10.15448/1984-7289.2001.2.82

<sup>39</sup>MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila. A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime. São Paulo. Todavia. 2018.

drogas e armas a partir da região do Paraguai, tornando-se assim o primeiro cartel internacional de drogas com sede no Brasil, nomeado de Narcossul.

Entretanto, é importante ressaltar que apesar das diversas mudanças estruturais que o PCC almejou e conquistou, sua postura perante o meio social e jurídico é de atividade punível pelo Estado. Atualmente o crime de organização criminosa está previsto na Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013.<sup>40</sup>

Ademais, o PCC traz à tona, um constante entrave de poderes entre suas atividades criminosas e a tentativa do Estado de combatê-las. De modo que, organizações criminosas, trazem diversos riscos à segurança da sociedade. Assim, para que a facção possa continuar funcionando com todos seus mecanismos, necessita realizar diversos tipos de crimes. Conforme disposto pelo jornalista Leonardo Coutinho.

Se fosse uma empresa, o PCC seria hoje a décima sexta maior do país, à frente de gigantes como a montadora Volkswagen. Trata-se de um império corporativo em que os produtos são as drogas ilícitas. Os clientes são dependentes químicos. Os fornecedores são criminosos paraguaios, bolivianos e colombianos. Os métodos são o assassinato, a extorsão, a propina e a lavagem de dinheiro. As áreas de diversificação são os assaltos a bancos, o roubo de carga e o tráfico de armas. Apenas com a venda de drogas para o consumo no território nacional, a organização alcança um faturamento anual da ordem de 20,3 bilhões de reais, sem incluir as receitas com roubo de cargas e assalto a banco.<sup>41</sup>

Ainda de acordo com Coutinho a organização controla mais da metade do comércio de entorpecentes no Brasil e alcança um faturamento anual de 20,3 bilhões de reais, sem incluir as receitas com roubo de carga e assalto a banco. Em 2015, cerca de três mil caixas eletrônicos foram explodidos no país. Suspeita-se que o PCC

---

<sup>40</sup>Art. 1º Esta Lei define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal a ser aplicado. § 1º Considera-se organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas penas máximas sejam superiores a 4 (quatro) anos, ou que sejam de caráter transnacional. Art. 2º Promover, constituir, financiar ou integrar, pessoalmente ou por interposta pessoa, organização criminosa: Pena - reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos, e multa, sem prejuízo das penas correspondentes às demais infrações penais praticadas. § 1º Nas mesmas penas incorre quem impede ou, de qualquer forma, embaraça a investigação de infração penal que envolva organização criminosa. § 2º As penas aumentam-se até a metade se na atuação da organização criminosa houver emprego de arma de fogo. § 3º A pena é agravada para quem exerce o comando, individual ou coletivo, da organização criminosa, ainda que não pratique pessoalmente atos de execução. § 4º A pena é aumentada de 1/6 (um sexto) a 2/3 (dois terços): II - se há concurso de funcionário público, valendo-se a organização criminosa dessa condição para a prática de infração penal; IV - se a organização criminosa mantém conexão com outras organizações criminosas independentes". Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013. Disponível em:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011\\_2014/2013/lei/12850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011_2014/2013/lei/12850.htm)

<sup>41</sup>REVISTA VEJA. Edição 2498 de outubro de 2016. Disponível em:<https://veja.abril.com.br/brasil/carandiru-como-o-massacre-de-111-presos-levou-a-criacao-do-pcc/>

esteja por trás de pelo menos um terço dos ataques.<sup>42</sup>

Além disso, o levantamento do jornalista aponta que o dinheiro dos narcotraficantes do PCC é destinado a propinas, lavagem de dinheiro, entre outros delitos.

A fortuna que passa pelas mãos dos narcotraficantes do PCC é pulverizada. Ela é usada para pagar propina a policiais, juízes e políticos, patrocinar execuções e remunerar os milhares de “trabalhadores envolvidos na operação. Parte significativa é despendida nas operações de lavagem de dinheiro, que obrigam os criminosos a corroer seu capital para esconder a origem ilícita dos recursos por meio de empresas de fachada. Os custos podem ser altos, mas a margem de lucro do tráfico é imbatível.<sup>43</sup>

Nos dias atuais, ainda há receio com a possível interferência social das facções criminosas. De modo que, o Ministro Barroso manifestou sua preocupação com o uso das eleições para levar ao poder grupos criminosos.

O Brasil vive um problema de violência em geral, não é o problema do período eleitoral. Isso é preocupante, e temos que investigar as causas dessa violência e retomar espaços importantes da vida brasileira que estão ocupados pelo crime organizado. Isso não tem nada a ver com o processo eleitoral, mas influencia o processo eleitoral. (...) As facções já estão começando a querer eleger os seus candidatos. Pior, estão querendo ocupar o espaço público, fazendo com que pessoas financiadas por elas passem em concursos públicos e em cargos eletivos.<sup>44</sup>

Assim, pode-se perceber que as organizações criminosas estão cada vez mais interessadas em influenciar e interferir no meio social, até mesmo no meio político, inclusive reforçar esta influência ocupando lugares estratégicos no Poder Administrativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente artigo a hipótese suscitada foi de que a Luta de Classes marxista está presente na população mais carente da sociedade brasileira e foi subvertida, especialmente pela massa carcerária em função do crime. Por vezes, a forma de

---

<sup>42</sup>REVISTA VEJA. Edição 2498 de outubro de 2016.  
Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/carandiru-como-o-massacre-de-111-presos-levou-a-criacao-do-pcc/>

<sup>43</sup>REVISTA VEJA. Edição 2498 de outubro de 2016.  
Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/carandiru-como-o-massacre-de-111-presos-levou-a-criacao-do-pcc/>

<sup>44</sup>METROPOLES. <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2020/barroso-as-faccoes-estao-comecando-a-querer-eleger-os-seus-candidatos>.

obtenção de recursos é por meio do crime, como o tráfico (uma atividade ilícita que gera altos lucros). Dessa maneira, a população carcerária tem poucos recursos disponíveis e frequentemente é ignorada pela sociedade e até mesmo pelo Estado, que deveria garantir a implementação de direitos iguais. Como consequência esta parcela da população sente-se marginalizada, em detrimentos de vários fatores: tanto sociais, por exemplo, escolaridade, oportunidades; quanto econômicos, como emprego e salário.

Cita-se como exemplo concreto a invasão do Carandiru, onde o abandono e reificação absolutas do sistema prisional brasileiro pode ser constatado, em relação as pessoas em situação de prisão. Frente a isso, pode-se refletir que o ser humano busca todos os meios de manter-se vivo, tal situação mobiliza o sentimento de defesa e preservação da vida dos presidiários. Como diz Lemos: o ser humano possui necessidade de se agrupar contra o abandono do Estado e o conjunto da sociedade política e civil.<sup>45</sup>

Assim, considera-se que o instinto de preservação da vida e as reações de defesa levam o indivíduo (na condição de vítima ou de vitimado) ao movimento de agrupamento na tentativa de se fortalecer contra a ordem social estabelecida. Dessa forma, o crime gera consequências. E a principal consequência drástica é a cadeia. Neste ambiente, difícil e árduo de convivência, os internos criaram um sistema de sobrevivência, no qual consistia em respeito, violência e tempo de cárcere. Na maioria das vezes, este sistema bruto era cumprido, contudo, quando era desrespeitado, os indivíduos se voltavam um contra o outro sempre resultando em morte daquele que fez algo que não seguia o código de ética da cadeia. Com isso, o Primeiro Comando da Capital observou que poderia perturbar o desenvolvimento natural na ordem da situação de violência constante dentro dos presídios. Na qual todos aqueles, pertencentes a organização, iriam se unificar para juntos conquistarem aquilo que não conseguiram sozinhos.

Ao mesmo tempo, um novo único líder assumiu o comando do “Partido do Crime”. A convivência de Marcola com o líder com Cartel de Cuba, o faz apropriar-se, da organização e funcionamento de um partido, como se dá, no regime cubano: disciplina e hierarquia em que o Indivíduo é menor do que o Bem Coletivo no intuito de formar uma irmandade. Marcola, por sua vez, ao que parece aplicou e modificou o conceito da Luta de Classes. Uma vez que, esta luta abordava indivíduos

---

<sup>45</sup>DUARTE. Thais Lemos. Vacuo no Poder? Reflexoes sobre a difusão do Primeiro Comando da Capital pelo Brasil. Revista Critica de Ciencias Socias. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/10663#tocto1n3>

marginalizados, trabalhadores menosprezados socialmente que vislumbravam serem reconhecidos pelo outro âmbito social (burguesia). Com isso, Marx acreditava que, assim como os comerciantes que ascenderam durante o período feudal para derrubar o poder da nobreza, a classe proletária, ou os trabalhadores, também poderiam mudar as organizações sociais do mundo capitalista.

Desse modo, ao que parece, o novo líder do PCC se inspirou na Luta de Classes para incitar a massa carcerária transformando uma simples reunião de presidiários em uma das maiores organizações criminosas do mundo. Na qual, o líder criou uma organização hierarquizada na qual ele era o chefe único e unia os internos, que se enxergavam como o proletariado, ignorados e excluídos socialmente, agora poderiam com ajuda da facção conquistar um lugar social e bens materiais. Uma vez que, esta luta de conflitos sociais está diretamente conectada a condição econômica da sociedade, e os indivíduos presos foram providos de sua liberdade pelo fato de desejarem algo que não possuem e buscar tê-lo de forma ilícita.

Por volta dos anos 90, os internos começaram a vislumbrar na organização criminosa uma representação social. Portanto, a Luta de Classes emerge na população carente, que por falta de recursos, utiliza o crime com forma de subsistência e obtenção de bens materiais. Assim, a luta chega na massa carcerária que é ignorada por grande parte da sociedade. De modo que, ao que parece os presos enxergam no PCC uma forma de luta por direitos, obtenção bens materiais e um lugar social. Uma vez que, ao recorrer ao crime, ser preso e ser esquecido, a organização transforma uma luta individual em uma Luta de Classes coletiva e organizada, fazendo sentido a afirmação de Marx, de que aqueles do proletariado quando se juntassem conseguiriam muito mais conquistas e até mesmo conseguiram inverter a ordem de poder.

Enquanto isso, Marcola (líder único da organização) conseguiu montar um sistema de gestão. O partido começou a se organizar em “células” (sintonias) atuantes dentro dos presídios e em diversos bairros de centenas de cidades brasileiras. Cada uma das células tinha uma utilidade, uma função e um propósito. Assim, o poder dentro da organização sempre estava centralizado nas mãos do líder, mas as funções podem ser por ele delegadas. Além disso, a facção também exige dinheiro dos seus batizados, parte deste valor monetário o PCC utilizava como um fundo de solidariedade. Com esses recursos, são comprados mantimentos para as famílias carentes dos detentos, ou são adquiridos alimentos, remédios e cobertores para os próprios presos. Este era um dos propósitos das chamadas células, ajudar aqueles que eram membros da facção e seus familiares.

Por consequência, cria-se uma organização, que tem uma agenda reformista de melhoria das condições do tratamento das pessoas em situação de prisão (apoio financeiro às famílias, pagamento de advogados, bem como, acesso a outros bens de serviço. Mas, sem perder o sentido do lucro e da riqueza capitalista que é a forma de captar recursos para a manutenção econômico-financeira do PCC.

Portanto, não é possível afirmar que esta Luta de Classes apresentada, siga os moldes de Marx, Engels e Gramsci. Tendo em vista que, o objetivo do PCC, aparentemente, é a sobrevivência imediata (mantido o modo de produção capitalista que Marx tanto criticava) mas, é uma apropriação humana inteligente do próprio sentido de Luta de Classe, em suas organizações históricas.

De acordo com essa nova forma de pensar do PCC, em vez de se auto destruírem, os criminosos deveriam encontrar formas de se organizar para sobreviver ao sistema e aumentar o lucro, dando força a expressão “o crime fortalece o crime”. Na sociedade atual brasileira, tal organização não atingiu o ponto de modificar a ordem de poder, porém conseguiu reunir uma grande quantidade de internos num objetivo comum e conseguiram transformar o meio que viviam (tanto a cadeia quanto o social).

Na medida que, o PCC por meio de atividades criminosas, ao se unirem numa Luta de Classes transformaram-se numa organização extremamente lucrativa. Na qual, busca interferir no meio social diretamente, com atividades ilícitas, em que comanda diversos presídios, comércios, o tráfico de cocaína no Brasil, juízes, policiais com pagamento de propina e atualmente, ao que tudo indica, busca influenciar as eleições por meio de candidaturas financiadas.

Por fim, pode-se concluir que o sentido natural e existencial da Luta de Classes (TRABALHO X CAPITAL) que permeia o sistema capitalista se mantém com o funcionamento efetivo do PCC. Mas, também pode-se analisar a possibilidade de indivíduos em situação de cumprimento de pena, mobilizados, organizados para garantir sua sobrevivência seja um fenômeno contemporâneo e um desdobramento da própria divisão do Guy Stanging. Assim, o sentido ontológico não muda. Entretanto, o sentido conjuntural, sim. Pode-se refletir, que é uma forma de Luta de Classe de trabalhadores em situação de cárcere. Mas, a tensão Trabalho x Capital permanece, como fundamento.

**REFERÊNCIAS**

ADORNO, Sérgio; DIAS, Camila Nunes. Cronologia dos 'Ataques de 2006' e a nova configuração de poder nas prisões na última década". Revista Brasileira de Segurança Pública. 2016.

BOYLE, David. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. Rio de Janeiro. ZAHAR.2006. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537804681/>.

BUTTIGIEG.J. Sulla Categoria gramsciana di 'subalterno'. In: BARATA, G.; LIGUORI, G. (Org.). Gramsci da unsecoloall'altro. Roma. Editori Riuniti. 1999.

CHRISTINO, M.; TOGNOLLI, C. Laços de Sangue. A história secreta do PCC. São Paulo. Matrix. 2017.

DIAS, Camila. Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista". Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2011.

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional (2017), Levantamento nacional de informações penitenciárias. Atualização – junho de 2016. Brasília: DEPEN/Ministério da Justiça e Segurança Pública.

DUARTE. Thais Lemos. Vácuo no Poder? Reflexões sobre a difusão do Primeiro Comando da Capital pelo Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/10663#tocto1n3>

FILHO, Penteado, N. S. Manual Esquemático de Criminologia. São Paulo. Saraiva.2020. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788553615858/>.

FOUCALUT, Michael. Microfísica do Poder. Tradução Roberto Machado. 24ª edição. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1979.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2002. v. 5.

JOZINO, Josmar. Cobras e Lagartos. A verdadeira história do PCC. São Paulo. Via Leitura. 2017.

KAYSER. Erick. No século 21 devemos ainda falar em luta de classes? Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/no-seculo-21-devemos-ainda-falar-em-luta-de-classes/>

Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011\\_2014/2013/lei/l12850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011_2014/2013/lei/l12850.htm)

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila. A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime. São Paulo. Todavia. 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista, 1848. Porto Alegre. L&PM. 2009.

MARX, K. Contribuição à Crítica da Economia Política. 1858. São Paulo. 2ª edição.

Expressão Popular. 2008

METRÓPOLES. <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2020/barroso-as-faccoes-estao-comecando-a-querer-eleger-os-seus-candidatos>.

RAFAEL, Antônio. As armas do crime: reflexões sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro”, Civita – Revista de Ciências Sociais. 2001. 165-180. DOI : 10.15448/1984-7289.2001.2.82

RAMALHO, JR. Mundo do crime: a ordem pelo avesso [online]. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2008. 165 p. ISBN: 978-85-9966-226-7. Disponível em: SciELO Books.

REIS, Renato Hilário dos. A Constituição do SER HUMANO: amor, poder, saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas. Autores Associados. 2011.

REVISTA VEJA. Edição 2498 de outubro de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/carandiru-como-o-massacre-de-111-presos-levou-a-criacao-do-pcc/1> <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2020/barroso-as-faccoes-estao-comecando-a-querer-eleger-os-seus-candidatos>

RODRIGUES. Lucas de Oliveira. A história humana está envolta em uma diversidade de conflitos em razão da condição material dos sujeitos: a luta de classes. Disponível em: <https://mundoeducacao.com.br/sociologia/luta-classes.htm>

STADING. Guy. O Precariado e a Luta de Classes. Revista Crítica de Ciências Sociais. Tradução de João Paulo Moreira. 2014. Disponível em: <https://journals.opemedition.org/rccs/5521>

SIMIONATTO. Simone. Classes Sulbateras, lutas de classes e hegemonia: uma abordagem gramsciana. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Aprovado em 11.01.2009.